

IV ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo

Novos Rumos da Sociedade de Consumo?

24, 25 e 26 de setembro de 2008 - Rio de Janeiro/RJ

Fotografia, imagem e contemporaneidade Experiência ou um mero registro?

Flávia Fernandes

NEMO - UFF

Shirley Torquato

NEMO - UFF

Resumo

A fotografia possui uma longa trajetória de documentação nos rituais modernos e contemporâneos, não só como veículo de registro, como também de instrumento de identificação e alteridade. Agora, numa era intitulada pelos meios de comunicação de massa como "digital", assume também a função de importante elemento de integração e manutenção das relações sociais que se expandem do contato pessoal face a face para o ambiente virtual. Neste sentido, ela se inscreve como um elemento que agrega, torna público e socializa diferentes atores sociais em um contexto de globalização. Essa capacidade da fotografia de integrar e permitir a sociabilidade está intimamente relacionada a expansão tecnológica e ao mesmo tempo, a popularização dos aparelhos de telefonia celular e máquinas digitais. Essas mudanças, sobretudo nos últimos cinco anos, fazem com que estes "fotógrafos amadores" se assemelhem aos primeiros antropólogos que observavam as cenas e as descreviam em seus livrinhos de anotações. O celular com câmera ajuda essas pessoas comuns a imortalizar cenas de seu dia-a-dia e ao redor do mundo e mostrá-las na forma especial como são vistas. Mostrar aos "outros" aquilo que faz parte de seus mundos, suas formas de vida, o que é apropriado de se mostrar bem como publicar, ou ainda a imagem de uma vida feliz ou ilusória que se pretende ter. Os outros, no sentido antropológico, são aqueles que na maioria do tempo mantêm estas cenas da mesma forma e as exibem em suas comunidades virtuais. Estas comunidades mantêm as pessoas próximas de uma forma virtual de vida e também contribuem com a vida real destes grupos que, hoje em dia, tornam-se dependentes do mundo virtual. Sites como Orkut, Multily, Flirck, Myspace e Picasa são algumas redes virtuais nas quais podemos mostrar aos "amigos" essas imagens.

O modismo ou nova tradição que a tecnologia digital via celular ou máquina vem instaurando, principalmente no público adolescente, parece redefinir algumas práticas de sociabilidade, sobretudo em relação à hipótese de que o registro passa a ter uma importância maior do que a experiência, tal como dizia Walter Benjamin. fotografar passa a ser a grande experiência, um hobby, um lazer, um passatempo.

Ancorado numa teoria da imagem este trabalho de pesquisa é construído a partir da observação de grupos de adolescente residentes na região metropolitana do Rio de Janeiro de diferentes segmentos sociais, em ambientes virtuais aonde tornam público o lazer, em shoppings, praias e bares bem como as atividades cotidianas em colégio e universidades .Percebermos nestes grupos e situações a presença da fotografia, através da observação, como forma de lazer, interlocutora, mediadora e construtora de uma identidade ou pseudo-identidade no mundo virtual para os "outros".

Fotografia, imagem e contemporaneidade

Experiência ou um mero registro?

Por: Flávia Fernandes e Shirley Torquato

A proposta deste *paper* consiste em fazer uma análise sobre o papel da imagem e da fotografia como instrumento de registro da realidade e observar em que medida ela possibilita a atribuição de uma identidade e exposição da mesma no site de relacionamento Orkut, e desta forma observar o seu potencial enquanto formador de subjetividades, identidade e alteridade.

Foram observados quarenta perfis do site de relacionamento Orkut durante um ano. Inicialmente a observação se deu por meio de pesquisa entrando nas páginas de indivíduos pertencentes a rede de relacionamento no menu álbuns e logo depois com a implantação no sistema da visualização automática, no front page do Orkut, o acesso as imagens de quem está atualizando ou não os álbuns facilitou a busca pelas mesmas. Também foram feitas algumas buscas esporádicas em outros sites tais como o Flirck, Multiply, Myspace entre outros...

A fotografia possui uma longa trajetória de documentação social dos rituais e do cotidiano, atuando como instrumento de identificação social. Ela é um elemento de grande importância nas carteiras de identidade, de trabalho e de motorista. Ela identifica, elabora e certifica a identidade e é capaz de construir a imagem. Sua criação foi um importante contribuição para a era moderna. SONTAG(2004) exemplifica bem essa relevância da materialização da imagem em fotográfica ao elevar o fotógrafo a categoria de "*herói moderno*".

"Na década de 1920, o fotógrafo se torna um herói moderno, como o aviador e o antropólogo – sem necessariamente ter saído de sua terra natal. Os leitores da imprensa popular eram convidados a unir-se ao "nosso fotógrafo" em uma "viagem de descoberta", em visita a reinos novos como "o mundo visto de cima", "o mundo através de lentes de aumento", "as belezas de todo dia", "o universo invisível", "o milagre da luz", "a beleza das máquinas", a imagem que pode ser "encontrada nas ruas" SONTAG(2004:106) De 1920 a 1935 – na fotografia de Paul Strand A fotografia parecia ter encontrado o seu papel grandioso como a ponte entre a arte e a ciência". SONTAG(2004:107)

A popularização da tecnologia e o aumento das possibilidades de aquisição de máquinas fotográficas digitais nos grandes centros urbanos nos últimos anos, tem criado uma nova percepção da fotografia em diferentes segmentos sociais, sobretudo nos grupos mais jovens que utilizam a mesma como um instrumento de mediação e interlocução com seus pares e muitas vezes até com desconhecidos, como no caso dos sites de relacionamento, um dos grandes fenômenos da rede internacional de computadores, a internet.

A fotografia vem aos poucos deixando de ter uma importância de registro apenas de momentos rituais e torna-se um elemento de registro do dia a dia, o que vai ser

potencializado também através das câmeras presentes nos telefones celulares, utensílio praticamente obrigatório para os indivíduos das grandes cidades. Neste sentido, o momento especial pode ser qualquer um: o cafezinho no trabalho, a sala de aula, paisagens, reunião entre amigos em bares, o hedonismo em frente ao espelho, rostos sorrindo, poses variadas de si mesmo e de amigos próximos e familiares, dentre outras.

A participação em sites de relacionamentos exige uma identificação que é construída à partir da descrição de um perfil auto-atribuído seguido de fotos, que visam complementar a identidade (também auto-atribuída). Essas fotos geralmente remetem à momentos alegres, festas, registros de sociabilidade, viagens, sorrisos, dentre outros registros de experiência que são “catalogados” e tornados públicos como forma de integração à um sistema que legitima através da imagem fatos e verdades.

Este catálogo, no entanto, tem sido recorrente preocupação com o registro da imagem aliada, tem significado na contemporaneidade, premissa básica de identificação, uma espécie de como uma forma de catálogo. Sendo assim, vemos que ela se ressignifica e, na era digital, assume a função de importante elemento de integração e manutenção das relações sociais que se expandem para além, do contato pessoal- interação face a face, de quem se conhece por laços de parentesco ou amizade e possui um contato pessoal, para o ambiente virtual. A internet é, hoje, um importante meio de sociabilidade capaz de gerar integração entre diferentes grupos étnicos, de diferentes padrões de vida, ao mesmo tempo que assume a característica de meio de convivência entre pares, familiares pertencentes a uma rede de parentesco.

A fotografia informa, registra de forma que se torna evidente todo o processo ritual das sociedades industriais. *"Uma fotografia é a materialização de um olhar, é o discurso de um olhar."* (ACHUTTI, 2004:111). Essa capacidade da fotografia em integrar e permitir a sociabilidade está intimamente relacionada a expansão tecnológica dos aparelhos de telefonia celular. gerando de forma mais intensa o fenômeno o qual denominamos *fotografia compartilhada* onde a imagem captada é vista inicialmente por um indivíduo, e quem a registra com a sua câmera digital ou com a do celular é um outro indivíduo, que "rouba" a cena ao imortalizá-la por meio da câmera em parceria com quem a viu. O fenômeno da *fotografia compartilhada* já existia antes do surgimento das câmeras digitais, mas se intensifica com a tecnologia. Esse fenômeno gera uma relação de reciprocidade e de solidariedade, bem como a de publicização das imagens de práticas cotidianas. Uma cena registrada pela câmara digital possui respostas intimamente relacionadas aos componentes do sistema automático da câmera pois, ao clicar são acionados recursos digitais, automáticos, do tipo captura de luz, mesmo nas máquinas mais simples - que não possuem uma boa qualidade de resolução para a impressão. As câmeras tornaram-se parte do dia-a-dia dos adolescentes e jovens adultos que possuem condições econômicas e financeiras para comprar, ou ganham de presente. A estabilização da moeda e da consequente e crescente facilidade de venda a crédito facilitou o acesso às câmeras pelas camadas médias e baixa da população.

O que eles não sabem é que estas lentes das câmeras de celular não são similares às lentes usadas na câmera normal. Eles estão usando uma lente olho de peixe a qual transforma a cena real dando um resultado diferente do das chamadas normais "50", que é

aquela que vê a cena de forma similar aos olhos humanos. As pessoas comuns, no sentido de não ter o conhecimento da técnica fotográfica, são, hoje, um tipo de caçadores de cenas, paparazis do *sensu comum* que com seus telefones celulares, saem capturando imagens ao redor do mundo registrando mais do que vivenciando as experiências. Esses caçadores de cenas assemelham-se aos primeiros antropólogos que observaram as cenas e as descreveram em seus livrinhos de anotações. O celular com câmera ajuda essas pessoas comuns a imortalizar cenas do dia-a-dia ao redor do mundo, e mostrá-las na forma especial de como são vistas. O que faz parte de seus mundos, sua forma de vida, e o que é apropriado de se mostrar bem como publicar. Os *outros*, no sentido antropológico, são aqueles que na maioria do tempo mantém estas cenas da mesma forma e as exibem em suas comunidades virtuais. Estas comunidades mantêm as pessoas próximas de uma forma virtual de vida e também contribuem com a vida real destes grupos que, hoje em dia, não podem perceber a sua vida sem vivenciar também a vida virtual. O Orkut, Multily, Flirck, Myspace são algumas das comunidades, redes virtuais nas quais podemos mostrar a nossos amigos e não amigos a forma que vivemos, o que apreciamos, de qual grupo pertencemos. Nos dias atuais, existem tantas comunidades virtuais que já estão fazendo parte do planejamento econômico de alguns países e são importantes mecanismos de recolhimento fiscal por meio das lojas virtuais. O que é interessante, para nós, nestes questionamentos, é que estas comunidades estão integradas na vida social dos humanos, e elas têm a obrigação social de mostrar suas formas de vida e se auto promover, partilhando momentos especiais ou comuns com seus parceiros. É verdade que nos velhos tempos, com uma boa máquina, em uma viagem ou em eventos capturávamos um grande número de "*fotografia compartilhada*" obtida por duas ou mais pessoas, onde quem vê a cena é uma outra pessoa diferente de quem fotografa, mas isso foi intensificado e tornou-se mais freqüente de forma que atualmente torna-se parte de albums virtuais na web gerando uma sociabilidade em torno das imagens publicadas. O que cabe aqui nesse artigo é demonstrar que a fotografia nesses ambientes virtuais é uma forma de expressão da vida social de forma que estabelece e reproduz relações de sociabilidade entre os membros.

Os usuários dos ambientes virtuais encontram estímulo para prolongar a sociabilidade pessoal no ambiente virtual de forma que ao exibirem as suas fotografias exibam suas habilidades, comportamentos, relações pessoais e informações de suas atividades gerando um fluxo comunicacional. A fotografia unida às legendas comunicam a seus pares, interlocutores, aspectos da vida cotidiana e dos rituais – festas nos quais a rede de sociabilidade pode ser a mesma do ambiente virtual ou não. A onde foram, com quem foram, como foram vestidos, como chegaram, a onde trabalham, qual a vida que possuem ou que gostariam de possuir em seus cotidianos são alguns temas que se repetem nas fotografias expostas.

Quando a rede de sociabilidade é a mesma do ambiente virtual ocorre uma interação entre membros ao compartilhar as imagens captadas bem, como uma competição entre membros da rede quanto a sua capacidade de integração e de elaboração do registro. Os caçadores de cenas entram em ação no cotidiano de suas vidas. Por onde passam trabalham ou estudam registram as cenas que lhes são agradáveis para tornar público na WEB. Esse fenômeno é viabilizado pelos celulares com câmeras que são vendidos no mercado a preço médio e alto mas que são acessíveis as camadas média e

baixa em função da facilidade de venda a crédito pelas administradoras de cartão e das financeiras da própria lojas de departamento em parcelas de 35, 50, 60 e 80 Reais por mês garantem o acesso a um aparelho com um alto nível de desenvolvimento tecnológico. Ter um celular sem MP3, câmera e filmadora hoje é sinal de simplicidade, desapego material e até mesmo de persona desatualizada.

O celular em seus variados modelos quando atualizado tecnologicamente pode ser considerado um bem posicional, marcador de relações sociais e com cada vez mais acelerado estágio de obsolescência do bem. Ele oferece múltiplas funções para o usuário, chegando até a substituir funções dos computadores e pendrives. Os modelos mais sofisticados fazem a função de palmtop com navegador da web – um bem que era aspiracional na década de 90 e com alto valor agregado em função da sua capacidade de exercer múltiplas funções.

Ter ou não ter um celular de alta tecnologia influencia diretamente na sociabilidade dos indivíduos, no meio virtual, e dessa forma é possível a divisão entre membros da rede que:

Possuem celular e usam a função fotografia e a exibe.

Não tem e fica a parte desse ambiente.

Quem tem e não usa.

Quem tem câmera digital e celular ou apenas a primeira.

Mas não só de fotografias feitas pelo celular vive esses ambientes virtuais. Das 40 pessoas observadas por um ano no orkut pude constatar que a maioria usa fotografias feitas em máquina digital, poucas usam fotos antigas, de negativo e algumas outras usam fotografias de máquinas embutidas em aparelhos celular. O resultado das fotografias unido as entrevistas informais possibilitaram dividir as imagens compartilhadas nessas categorias acima.

O orkut, em função da demanda, também aumentou a capacidade de gerenciar, exibir fotografias para se tornar competitivo ao Multiply, Flirck, Face Book. Antes, o que era limitado no Orkut e que estimulava a criação de montagens de imagens – tipo recortes e sobreimagens, hoje, ganha mais espaço para se tornar competitivo a outros ambientes virtuais.

Para os usuários, fica bem claro que existe a fotografia de orkut e a fotografia que não pode ser exibida no orkut. Para estabelecer esse padrão estético, são muitas as variáveis, idade, educação visual, formação entre outras...

Um filósofo da fotografia chamado Vilém Flusser em seu ensaio intitulado *Filosofia da Caixa Preta* inicia seu livro fazendo uma afirmativa de que a *Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens* atribuindo ao devaneio a função de formar as imagens. Para o autor a escrita é uma metacódigo da imagem de forma que o texto recebe

a função explicativa da imagem, que se traduz por conceitos que são capazes de analisar cenas. "*Como toda imagem, é também mágica e o seu observador tende a projetar essa magia sobre o mundo.*" (FLUSSER 2002:15)

"As imagens técnicas, longe de serem janelas, são imagens, superfícies que transcodificam processos em cenas. (FLUSSER 2002:15)

O produtor de imagens atuais tende a racionalizar menos e clicar mais instintivamente a imagem em função da facilidade de manuseio das máquinas e de sua qualidade de reprodução. A fotografia não é pensamento como era na época das câmeras não digitais. Com as câmeras digitais amadoras e as câmeras celulares há uma popularização do bem, o que, antes era artigo de privilégio apenas de uma minoria, que de acordo com (FLUSSER 2002:21), dos capitalistas, em função do tamanho e do alto custo do equipamento, hoje se expande para as camadas médias e baixa da população. Para o autor a maioria funciona em função delas (das máquinas) e a eles são chamados de proletariados.

"O número de potencialidades é grande, mas limitado: é a soma de todas as fotografias fotografáveis por este aparelho. A cada fotografia realizada, diminui o número de potencialidades, aumentando o número de realizações: o programa vai se esgotando e o universo fotográfico vai se realizando. "*O fotógrafo age em prol do esgotamento do programa e em prol da realização do universo fotográfico.*" (FLUSSER 2002:23)

Se no período da escrita de FLUSSER a fotografia já era um fenômeno com infinito campo de possibilidades, hoje, isso tende a aumentar em função do barateamento dos custos de operacionalização. Na era da telefonia móvel e da fotografia digital a fotografia ressurge como um meio de comunicação instantâneo. Fotografar e enviar a foto para um grande número de expectadores é uma ação quase que instantânea em comparação ao modo anterior onde o transporte, a revelação e o escaneamento e a reprodutibilidade tomavam horas e dias para concluir a trajetória da fotografia. Em função da "... *realidade, que, sempre foi interpretada por meio de informações fornecidas pelas imagens* SONTAG(2004:169)

É essa valorização da imagem que a fez ser cada vez mais maquiavélica no sentido senso comum da expressão e tornar-se um poderoso instrumento político e ideológico, e o ato fotográfico sem o pensamento se torna um perigoso meio de captação da realidade pois como afirma FLUSSER(2002):

"Em fotografia, não pode haver ingenuidade. Nem mesmo turistas ou crianças fotografam ingenuamente. Agem conceitualmente, porque tecnicamente, toda intenção estética, política e epistemológica deve, necessariamente, passar pelo crivo da conceitualização, antes de resultar em imagem. O aparelho foi programado para isto. Fotografias são imagens de conceitos, são conceitos transcodificados em cena. (FLUSSER 2002:32)

"De maneira que o programa o fotógrafo para transcodificar tudo em cena, para magicizar tudo. Em tal sentido, o fotógrafo funciona, ao escolher a sua caça, em função do aparelho. Aparelho fera." (FLUSSER 2002:31)

E a tecnologia do digital fazem com que a capacidade de ser ainda mais feroz seja possível a esses aparelhos, de forma que facilita a caça sem que haja uma racionalização concreta do que virá a ser fotografado indo contra aos preceitos básicos da fotografia profissional. Para autora SONTAG(2004) *"Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas idéias, sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos direito de observar.* SONTAG(2004:13). Na era digital esse observar passa a ser um observar por meio da lente da câmera onde a experiência dá lugar a experiência de fotografar...não tem mais o prazer da fruição do ambiente, do bate papo descontraído, é preciso fotografar...é preciso registrar o não vivido..."*Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos.*" SONTAG(2004:17) E essa interpretação torna-se vulnerável a obsessão fotográfica que sai do campo profissional e chega a população...

O que antes era nas palavras de SONTAG, *"uma proteção contra a ansiedade"* SONTAG(2004:19), hoje é a própria mola propulsora dessa ansiedade, tendo cada vez mais a caracterização de ser um *rito social* SONTAG(2004:19) assumindo ainda mais a sua relevância como *"um instrumento de poder"* SONTAG(2004:19) *"A fotografia é a realidade"*(FLUSSER 2002:33) E essa legitimidade que confere a fotografia como a "realidade" que a faz ser um poderoso instrumento de forma que as fotos montadas, que são pejorativas moralmente sejam um mecanismo de ruína na sociedade, de pessoas ou instituições..."*Fotos não podem criar uma posição moral, mas podem reforçá-la – e podem ajudar a desenvolver uma posição moral ainda embrionária.*" SONTAG(2004:28)

"As fotografias em preto e branco são a magia do pensamento teórico e conceitual e é precisamente nisto que reside o seu fascínio. Revelam a beleza do pensamento conceitual abstrato." (FLUSSER 2002:39) E essa forma de captar a realidade fica restrita a um grupo de conhecedores da arte fotográfica profissional do meio artístico e do jornalismo de forma que as pessoas comuns que se utilizam do instrumento privilegiam a captação da cena a cores, sendo rara a presença de fotografias p&b, salvo quando fazem reprodução ou digitalização de fotos analógicas de épocas passadas. É fato que as fotografias P& B revelam o universo dos conceitos. Dão ênfase ao conceito fotografado e não a cena simplesmente, já as *"fotografias em cores são mais abstratas que a fotografia em preto e branco"*(FLUSSER 2002:40) E, isso é interessante devido ao fato que a fotografia em cores se apresenta como uma apreensão da realidade – que é em cores e que essas fantásticas, mágica reprodução das cores que transita de um processo físico – químico para um processo físico-mecânico seja o elemento que dispersa a atenção do conceito da fotografia e passa a captar mais atenção que a foto em si.

Na teoria do autor as fotografias em cores ofuscam o conceitual (FLUSSER 2002:40) E é esse conceitual que se perde na era digital onde a fotografia passa a ser mais mecanicista e menos racionalizada, a perda do conceito no ato fotográfico e consequentemente no produto digital.

"O aparelho visa programar a sociedade através das fotografias para um comportamento que lhe permita aperfeiçoar-se. A fotografia é, pois, mensagem que articula ambas as intenções codificadoras. Enquanto não existir crítica fotográfica que revele essa ambiguidade do código fotográfico, a

intenção do aparelho prevalecerá sobre a intenção humana.(FLUSSER 2002:43)

Essa capacidade de definir a fotografia que as câmeras digitais possuem fazem com que a intenção humano no ato de fotografar torne-se secundária, sem a intencionalidade necessária para que a fotografia se realize. A câmera digital define a abertura, regula a luminosidade, o tempo de exposição, ou seja fotografa por si só, deixando o humano como mero clicador de botões e não o fotógrafo. Cabe ao humano o "ver" a fotografia, o "*clicar com os olhos*" que não é menos importante que o conhecimento técnico da fotografia.

O autor informa o caráter mutável da fotografia onde "*A cada vez que troca de canal, a fotografia muda de significado: de científica passa a ser política, artística, privativa. A divisão das fotografias em canais de distribuição não é operação meramente mecânica: trata-se de operação de transcodificação. Algo a ser levado em consideração por toda crítica de fotografia.*"(FLUSSER 2002:50) E essa transcodificação é operacionalizada no ambiente virtual, de forma que a imagem não racionalizada é publicizada, mesmo passando por uma edição e é capaz de além de representar de elaborar construções sociais e reproduzir sociabilidade.

"Na curva desse jogo maníaco, pode surgir, um ponto a partir do qual o homem desprovido de aparelhos sente cego . Não sabe mais olhar, a não ser através do aparelho (como o artesão diante do instrumento), nem está rodando em torno do aparelho como proletário da máquina). Está dentro do aparelho engolido por sua gula. Passa a ser prolongamento automático do seu gatilho. Fotografa *automaticamente.*"(FLUSSER 2002:54)

No ambiente virtual a fotografia torna-se o próprio artigo, um retorno as fotorreportagens sendo questionados por ser uma elaboração pobre em termos de narrativa e composição.

"No curso da História, os textos explicavam as imagens, *desmitificavam-nas*. Doravante, as imagens ilustram os textos, *remitificando-os*. Os capitais românticos serviam aos textos bíblicos com o fim de *desmágicizá-los*. Os artigos de jornais servem às fotografias para *remágicizarem*. No curso da história, as imagens eram subservientes, podiam-se dispensá-las. Atualmente, os textos são subservientes e podem ser dispensados. (FLUSSER 2002:56)

O texto deixa de ser o elemento principal da comunicação na rede e passa a ser um coadjuvante ficando restrito aos comentários que variam entre elogiosos, depreciativos e sarcásticos em função da fotografia exposta. A fotografia manipula o homem pois consiste de elementos que se relacionam significativamente. "*E como tal realidade é mágica, a fotografia não transmite, é ela a própria realidade*". (FLUSSER 2002:57)Aí está o perigo da montagem da fotografia que dessa forma "*vai modelando os seus receptores*" (FLUSSER 2002:57)

"Assim, as fotografias vão formando círculo mágico em torno da sociedade, o universo das fotografias. contemplar tal universo visando quebrar o círculo seria emancipar a sociedade do absurdo. "(FLUSSER 2002:59) O universo

fotográfico está em constante flutuação e uma fotografia é constantemente substituída por outra.(FLUSSER 2002:61)

Esse caráter efêmero da fotografia é facilitado pela tecnologia e a obsessão fotográfica que chega as pessoas comuns. "*Trata-se de novo hábito o universo fotográfico nos habitua ao "progresso"*" (FLUSSER 2002:61)

"Portanto, o aparelho fotográfico é a fonte da robotização da vida em todos os seus aspectos, desde os gestos exteriorizados aos mais íntimos dos pensamentos, desejos e sentimentos." (FLUSSER 2002:67)

As imagens que são compartilhadas para a rede em geral como no caso do flirck, Hi 5 ou apenas pela rede de amigos como é o caso do orkut ao proporcionar a opção de trancar com o cadeado para restringir a visualização das imagens apenas para a rede de sociabilidade a variação dos temas é grande, e no geral, reflete ao momento presente, sendo uma minoria que coloca imagens do passado. Os temas encontrados na rede analisada são: festas do tipo badalação, barzinhos, encontro de amigos, rede familiar, filhos recém-nascidos e suas gracinhas, mulheres que pegam, viagens, paisagens, ambiente de trabalho, aventuras, enfim, uma grande variação de práticas que suscitam um diálogo entre interlocutores da rede de amigos. Ao colocar as imagens a pessoa fica em exibição como novas atualizações, e de forma que facilita a observação, a assimilação do conteúdo pela rede.

Se apenas com palavras pudessemos expressar toda a magia de um lugar a câmera não seria popular como é hoje. Algumas teorias se contradizem hoje em função dessa acessibilidade do aparelho para SONTAG "*A pessoa que interfere não pode registrar; a pessoa que registra não pode interferir*" SONTAG(2004:22) Essa reflexão de SONTAG vai contra a experiência pessoal do *senso comum* que fica munido de câmeras fotográficas digitais ao querer assumir a dupla função de registro e interferência...participação...experiência... Deixando de ser um *momento privilegiado* para ser apenas mais um fotografado pelos caçadores de cenas...Ao mesmo tempo que é mantida a característica de que as "*Fotos chocam na proporção em que mostram algo novo*". SONTAG(2004:30) Em resumo "*As fotos são apreciadas porque dão informações*". SONTAG(2004:32) Essa informação torna-se cada vez maior em função da velocidade com que o ambiente virtual é nutrido de imagens captadas por diferentes atores sociais...sendo também capaz de ser pernicioso em função da sua possibilidade de ser dúbia em função do que nos esclarece SONTAG "*Fotos, que em si mesmas nada podem explicar, são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia*". SONTAG(2004:33)

"A câmera é uma espécie de passaporte que aniquila as fronteiras morais e as inibições sociais, desonerando o fotógrafo de toda a responsabilidade com relação às pessoas fotografadas. Toda a questão de fotografar pessoas consiste em que não se está intervindo na vida delas, apenas visitando-as. O fotógrafo é um superturista, uma extensão do antropólogo, que visita os nativos e traz de volta consigo informações sobre o comportamento exótico e os acessórios estranhos deles. O fotógrafo sempre tenta colonizar experiências novas ou descobrir maneiras novas de olhar para temas conhecidos – lutar contra o

tédio. Pois o tédio é o reverso do fascínio: ambos dependem de se estar fora, e não dentro, de uma situação, e um conduz ao outro. SONTAG(2004:54)”

No mesmo ensaio a autora relata que os chienses possuem a teoria de que com a fotografia possibilita a transição entre o tédio e o fascínio em função da sua caracterização surrealista por ser a representação do mundo "*realidade de segundo grau*" SONTAG(2004:67) onde a dramaticidade é mais aguçada, mas que a ingenuidade do fotografado confere um maior grau de confiança, de veracidade na informação.

Qualquer coleção de fotos é um exercício de montagem surrealista e a sinopse surrealista da história. SONTAG(2004:83) As fotos mostram as pessoas incontestavelmente presentes *num lugar* e numa época específica de suas vidas; agrupam pessoas e coisas que, um instante depois, se dispersaram, mudaram, seguiram o curso de seus destinos independentes. SONTAG(2004:85) As fotos transformam o passado no objeto de um olhar afetuoso, embaralham as distinções morais e desarmam os juízos históricos por meio do *páthos* generalizado de contemplar o tempo passado. SONTAG(2004:86)

"A vida não são detalhes significativos, instantes reveladores, fixos para sempre. As fotos sim." SONTAG(2004:96) As fotos exibidas no orkut assemelham as fotos exemplificadas pela autora sendo que a velocidade e a quantidade são superiores em função da praticidade que a fotografia digital proporciona. Embora a capacidade de armazenamento das imagens hoje seja muito superior ao do início do orkut e ele seja uma entre as diversas possibilidades de rede de sociabilidade existentes as montagens de fotos em mosaicos e a variedade de molduras e aritíficios pictóricos, gráficos esteja mais acessível remetendo as imagens a um caráter cada vez mais surrealista na forma de se auto-apresentar em imagens para a sua rede de sociabilidade. A importância disso se dá devido ao fato de que a

"...as fotos são indícios não só do que existe mas daquilo que um indivíduo vê; não apenas um registro mas uma avaliação do mundo. Tornou-se claro que não existia apenas uma atividade simples e unitária denominada "ver" (registrada e auxiliada pelas câmeras), mas uma "visão fotográfica", que era tanto um modo novo de as pessoas verem como uma nova atividade para elas desempenharem." SONTAG(2004:105)

E é esse "ver" que deixa de ser exclusivo dos *heróis da fotografia* e passa a estar presente na vida, nas experiências das pessoas comuns portadoras de uma câmera fotográfica, que sendo digital capta automaticamente a intensidade de luz adequada para uma boa foto, ficando restrito ao fotógrafo digital moderno a necessidade de apenas "ver" e não ter que pensar tecnicamente a fotografia. A cena é vista, é registrada, o pensamento está apenas ao perceber a cena, no olho do fotógrafo e não no pensar tecnicamente a fotografia.

Em contrapartida temos o que Weston classifica a fotografia como "*um modo de autodesenvolvimento, um meio de descobrir-se e de identificar-se com todas as manifestações de formas básicas – com a natureza, com a fonte.*" Essa possibilidade se amplia para as pessoas comuns, não sendo mais apenas privilégio de uma categoria – a de fotógrafos profissionais.

"Segundo a tradição dominante do belo na fotografia, a beleza requer a marca de uma decisão humana: a decisão de que isso daria uma boa foto e de que a boa foto formularia um comentário." SONTAG(2004:114)

E é esse comentário que deixa de ficar no plano do jornalismo, principalmente das grandes reportagens e vai para o meio virtual em forma de publicização da vida privada de pessoas comuns, autoras das próprias fotografias e editoras do que é ou não publicável no ambiente virtual. O que antes era uma experiência complementar, a de ver as fotografias de um determinado acontecimento, e onde a experiência era registrada por quem geralmente não tomava parte em sua totalidade, muitas vezes um outro evento...hoje se torna uma forma de sociabilidade no meio virtual, onde quem compartilhou ou não da experiência, mas pertence a rede virtual de sociabilidade possui acesso às imagens, reduzindo os encontros pessoais para ver a fotografia, ter acesso ao álbum de fotografia, objeto de fetiche e de grande variedade de materiais e formatos.

Ao que me parece, a fotografia hoje já começa a alcançar o seu status de ser um modo "*voraz de ver*" SONTAG(2004:146), sem precisamente precisar pertencer ao "*santuário profanado mas ainda prestigioso da arte*". SONTAG(2004:146)

"Um critério de avaliação que a pintura e a fotografia de fato compartilham é a inovação; tanto pintores como fotógrafos são muitas vezes valorizados porque impõem novos esquemas formais ou mudança na linguagem visual." SONTAG(2004:155)

Linguagem essa que passa a ser reinventada por pessoas que não dominam a técnica, mas que se utilizam da fotografia digital em suas vidas. Ainda tomando como base a mesma autora podemos assegurar que na era digital a fotografia ainda é capaz de usurpar a realidade pois para a autora

"...uma foto não é apenas uma imagem (como uma pintura é uma imagem), uma interpretação do real; é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária. SONTAG(2004:170) Mas uma foto não é apenas semelhante a seu tema, uma homenagem a seu tema. Ela é uma parte e uma extensão daquele tema; e um meio poderoso de adquiri-lo, de ganhar controle sobre ele. SONTAG(2004:172)

Para SONTAG "*As coleções de fotos podem ser usadas para criar um mundo substituto, em harmonia com imagens enaltecidas, consoladoras ou provocantes.*" SONTAG(2004:178) É esse mundo que sai da esfera do convívio pessoal e passa para o mundo virtual ampliando as redes de sociabilidade, a interação e relação em função das imagens publicizadas nas redes virtuais.

Ainda mais na era da fotografia digital, as câmeras:

"...implementam uma visão estética da realidade por serem um brinquedo mecânico que estende a todos a possibilidade de fazer julgamentos desinteressados sobre a importância, o interesse e a beleza. ("Isso daria uma boa foto") SONTAG(2004:193),

E é esse brinquedo que deixa de ser exclusivo de grandes fotógrafos como Lewis Hime autor da célebre frase da relevância da fotografia para a história onde declara que "*Se eu pudesse contar a história em palavras, não precisaria carregar uma câmera.*" Lewis Hime in SONTAG(2004:201) que possibilita também conhecer a vida social e a sociabilidade gerada em torno da fotografia no ambiente virtual pois:

"...todos os elementos secundários ou marginais (gestos, objetos ou pessoas externas à ação principal) mostram ao pesquisador um conjunto de não-ditos..." que a fotografia permite registrar dados que podem contribuir imensamente aos trabalhos antropológicos de pesquisa." (ACHUTTI, 2004:85)

Onde o etnógrafo possui a possibilidade de "*ver*", *observar*, pelo ponto de vista dos nativos sem causar interferência, alcançando o ideal do método da observação pois a fotografia é "*...a materialização de um olhar, é o discurso de um olhar.*" (ACHUTTI ,2004:111) Olhar esse que pertence a quem participa da experiência e a torna pública no ambiente virtual sem a interlocução, interferência do etnógrafo. Alguns nativos na construção do seu álbum virtual chegam a alcançar um status de fotoetnografia de suas experiências por ser possível com a fotografia:

"...tomar a liberdade de utilizar um certo número de variações na construção das seqüências que podem compreender as fotos tiradas em datas diferentes, mostrando personagens diferentes, sem com isso prejudicar a qualidade da narração, pois a idéia de movimento e de continuidade é subjacente e deverá produzir-se no espírito daquele que olha. A bem dizer, com a fotografia, não é necessário respeitar a continuidade; podem-se acrescentar, em uma mesma seqüência, fotos tiradas um outro dia sem alterar a sua coerência, e é provavelmente isso que, de certa forma, aproxima a narração fotográfica da narração escrita." (ACHUTTI,2004:117)

Os caçadores de cenas entram em ação no cotidiano, por onde passam, trabalham, estudam registram cenas. Esse fenômeno é viabilizado pelos aparelhos de telefonia celular com câmeras fotográficas e de vídeo que são vendidos no mercado a preços médios e altos, mas que se tornam possíveis de serem comprados pelas camadas médias e baixas em função do parcelamento de débito das administradoras de crédito e das financeiras das próprias lojas de departamento que fazem parcelamento de R\$ 20,00, R\$ 50,00 ou maiores por mês, garantindo o acesso da população a um aparelho com alto nível de desenvolvimento tecnológico. Ter um celular sem MP3 e Câmeras hoje em dia é sinal de simplicidade, de desapego material, e até mesmo de pessoa ultrapassada, desatualizada. O celular em seus variados modelos – quando atualizado tecnologicamente é um bem posicional e com um acelerado estágio de obsolescência do bem. Ele oferece múltiplas funções para o usuário chegando até a substituir funções dos computadores e pen-drives. Os modelos mais sofisticados fazem a função de palm top, um bem aspiracional dos executivos no final dos anos 90, de alto valor agregado em função de suas múltiplas funções. Ter ou não ter um celular de alta tecnologia influencia diretamente na sociabilidade dos indivíduos na vida real e no meio virtual.

Das 40 pessoas que observei no orkut pude constatar que a capacidade de interação e imaginação na elaboração de álbuns de recortes com as fotografias unida a

grande capacidade de armazenamento de fotos de concorrentes dessa rede como o Multiply, Flirck, Facebook fez com que o que antes era limitado a 15 fotos hoje já seja livre e sendo permitida a organização em albúns temáticos e com a possibilidade de deixar comentários entre membros de um círculo de amizade tornando a rede Orkut mais competitiva em relação a outros ambientes virtuais...Dos observado podemos ver que a maioria privilegia o registro de suas atividades entre amigos, família e conhecidos na noite, em eventos, festas como aniversários. Apenas um pequeno grupo de seis pessoas tem como foco a paisagem entre amigos lugares que viajam em paralelo com as fotos entre pessoas. Mulheres com filhos recém nascidos ou ainda pequenos, mesmo que viagem, possuem seus filhos em suas atividades, rotinas e rituais como tema central de seus álbuns virtuais...é mostrar para a comunidade quem chegou , quem é, como se comporta e como é amado perante os seus familiares.

É preciso lembrar que entre os que foram realizadas entrevistas informais é da existência de categorias tais como a fotografia e a fotografia de orkut...a que fica no plano do familiar e a que vai para a rede mesmo com a possibilidade de restringir a visualização para os membros do círculo e não para todos do grupo. A edição é um elemento fundamental na formalização da representação do eu na imagem inserida no ambiente virtual. Ela elabora a construção imaginária de quem se é ou gostaria de ser para quem recebe a imagem.

A fotografia de orkut oscila de forma que assume a dupla *função*(Durkein:63) de produto da indústria tecnológica e da sociabilidade gerada no orkut e ou como resultante da sociabilidade extra mundo virtual que é publicizada na rede mundial de computadores.

O que cabe ser analisado aqui é que a fotografia é um produto dessa sociedade, na era da revolução tecnológica é capaz de documentar e publicizar as diferentes formas de viver a vida, padrões de comportamento dos indivíduos dessa era enganjados no *modus operanti e viventi* da tecnologia.

Entre as pessoas observadas podemos dividi-las em diferentes camadas da sociedade , modos de vida e valores de forma que o grupo, só se constitui como de pessoas comuns, não profissionais de audio-visual, que usam em seus cotidianos a máquina fotográfica e a exibem na rede mundial de computadores.

Os observados não são profissionais e ao longo desse ano pude observar uma evolução nas suas técnica de fotografia tais como aproveitamento mais racional da luz e composição. Faz-se importante lembrar que a composição das imagens captadas e exibidas está intimamente relacionada à bagagem cultural, a educação visual, como também ao meio que o observado frequenta. As fotografias observadas variam entre si em termos de composição de pano de fundo – na linguagem técnica os profissionais da fotografia chamam também de segundo plano. O foco, elemento central em sua maioria são de pessoas, tais como parentes, amigos, família, colegas e para os mais ativos e ousados recém conhecidos na night ou em festas particulares. Um número menor número de fotos tem como tema principal paisagem, lugares, ambientes, que são temas recorrentes de uma minoria que possui o habito de viajar com frequência -sendo contabilizado um

número superior a 4 vezes por ano. Número que devemos destacar é bem superior a média da classe média brasileira.

Pelas imagens publicizadas no orkut é possível conhecer padrões de comportamento, preferências, hábitos de consumo, rede de sociabilidade extra internet e intra-net, práticas, valores tais como a honra, respeito, virilidade, lealdade, amizade, reciprocidade, religiosidade, entre outros...As habilidades do observado e do grupo no qual está inserido também é perceptível nas fotos divulgadas onde elas se dividem entre habilidades sociais e profissionais, e isso varia em função da forma como cada um dos observados lida em sua vida, se é uma pessoa que dá mais valor as suas práticas sociais, de lazer, ou se é mais família e por meio dela constrói sua identidade na rede ou se essa construção é em função de sua atividade profissional. As fotografias podem ser consideradas como espelhos do modo de vida e da construção identitária de quem as publiciza na rede. São produtos da tecnologia em função da maquinaria que as possibilita tornarem-se reais e sociais pois representam a vida que se tem na realidade concreta ou que se gostaria de ter por meio de uma experiência extra-cotidiana e quer torná-la como representativa sendo uma referência no imaginário do seu cotidiano para os interlocutores da internet.

Pensar a fotografia digital é reproduzir as bases conceituais sobre arte e experiência apontadas por BENJAMIN(1985) em sua obra "A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica" onde a revolução tecnológica alterou o papel da arte e da cultura no início do século e com o advento da máquina digital está alterando a sociabilidade de hoje. A revolução das máquinas digitais alterou o papel da fotografia no cotidiano das camadas médias e até mesmo baixa da população, tornando-a acessível e presente em suas práticas.

A mudança na percepção da fotografia como elemento acessível a suas atividades e capaz de comunicar com quem está distante faz com que a mesma seja percebida de forma diferente da fotografia em papel dos álbuns tradicionais alterando a assimilação do consumidor e se torna um meio de mobilização, de aceitação e contextualização como explicita BENJAMIN(1985) em sua obra.

Ela passa de uma transição da reprodutibilidade técnica para a digitalização e assim a aceleração da publicização na grande rede aumentando assim a sua distância ao conceito de arte, ao mesmo tempo que torna a técnica acessível as massas, proporcionando o aumento do conhecimento dos indivíduos entre si e de suas práticas (SHALINS:1997) na rede. O álbum sai do ambiente privado, da vida privada dos internautas passa a ser publicizado na rede onde o internautas mais ousados, mais abertos expõem o seu cotidiano, antes não fotografável para a rede de forma que as tornam públicas para seus pares na rede ao exibí-las nos ambientes virtuais.

Ao que me parece a fotografia digital volta a assumir o caráter de experiência, um acontecimento, tal como fora nos primórdios da fotografia, onde as famílias se reuniam em estúdios para imortalizarem suas relações. Ser fotografado era um acontecimento, um ritual importante nos séculos passados, e hoje com o novo formato digital ela se mescla aos rituais, encontros como uma nova experiência e uma obsessiva prática de registro

onde o limite é a capacidade de armazenamento de imagens que hoje ultrapasse a 800 registros em cartões de apenas 1 giga de memória...a fotografia parece ter resgatado o seu estatus de experiência.

Bibliografia:

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson, Fotoetnografia da Biblioteca Jardim, Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985b. p. 165-196. v. 1

FLUSSER, Vilém, Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia: Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LAPLATINE, François. O que é imaginário – São Paulo: Brasiliense, 2003.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). Mana., Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 1997.

Available from:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493131997000100002&lng=en&nrm=iso>. Access on: 21 Jan 2007. doi: 10.1590/S0104-93131997000100002.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). Mana., Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 1997.

Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000200004&lng=en&nrm=iso)

[93131997000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000200004&lng=en&nrm=iso)>. Access on: 21 Jan 2007. doi: 10.1590/S0104-93131997000200004.

SONTAG, Susan – Sobre a Fotografia; tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das letras, 2004.